

# JORNAL D' OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . .	500 réis
Com estampilha . . . . .	600 »
Fôra do tempo accresce o porte do correio avulso . . . . .	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**  
Rua de S. Chrip m, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal . . . . .	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . . .	50 » »
Repetições . . . . .	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes	

## O NACIONALISMO

Na assembleia geral dos progressistas em Lisboa houve quem propozesse: 1.º a liberdade de cultos—2.º a secularisação do ensino—3.º a separação da Igreja e do Estado.

Resolveu-se enviar esta proposta, que não se approvou, nem regeitou, á commissão, que hade formular o novo programma d'aquelle partido.

Quer figure, ou não, no novo programma, é já muito significativo o ter sido alli apresentada, e não ser desatendida immediatamente.

Os jesuitas, que os jesuitas dirigem, agitam a sociedade catholica, estão provocando a reacção dos governos, obrigando-os a medidas repressivas e severas.

Vivia a igreja lusitana em socego, em boa harmonia com o Estado—os governos, pelo seu des-cuido, deixaram lavar o jesuitismo, que fundou conventos, e seminarios, nos quaes ordena sacerdotes, associações de varia especie, escolhas e asylos, influe nas nomeações dos bispos e de todos os parochos, capta heranças e donativos, aspira ao predomínio pela riqueza,—aliciando as classes operarias pelos circulos e por esse socialismo christão, que visa a destruir o trabalho livre e o direito de propriedade.— Voltaremos a este ponto.

O patriarcha resignatario ordenou-se no Varatojo e sem mais habilitações, com a construcção das mais elementares, appareceu despachado bispo do Ultramar, e de lá veio transferido para a Sé principal do reino. Percebe-se quem o fez despachar, e quem o levou á renuncia da mitra.

Indo em viagem a Roma, foi avisado n'uma cidade de Hespanha, que se lá chegasse, não voltaria, e seria nomeado prior de Santo Antonio dos Portuguezes—para evitar este perigo, fingiu-se doente, e retrocedeu.

Agora sempre renunciou, mas tambem se arrependeu; o pontifice não attendeu ao seu arrependimento—e foi substituido pelo bispo do Algarve, sr. Mendes Bello, sem o placet do governo, que assim desistiu de uma das regalias mais antigas e mais necessarias nas relações do Estado com a Igreja, dando uma prova frisante da sua alliança com os nacionalistas.

Tanto á democracia constitucional, como á republicana, interessa o resistir ao movimento encetado pela igreja, que hoje não se liga, nem se pode ligar a nenhum partido secular, a não ser o seu, e se um dia lhe convier uma revolução contra a dynastia actual, não deixará de dar aquella o seu appio, e até de promover-a.

Por muitos seculos foi a igreja catholica o esteio mais forte das monarchias absolutas—este facto illudia o qual não acreditavam n'um movimento clerical tão extraordinario como era esse em que se tornava democratica, não para favorecer a democracia, mas para dominal-a.

Entre nós alguns jornalistas, e dos mais esclarecidos, não regateavam os louvores mais sinceros a Leão XIII, não vendo, que os seus conselhos ou avisos ao clero francez para se mod'rar contra a

republica apenas significavam a conveniencia de a não incitar contra as associações catholicas, de varias formas, que se iam criando

Nós sempre escrevemos n'este sentido, e portanto não fomos illudidos.

A moderação de Leão XIII era um calculo.

Preciso é não esquecer, que o papa infallivel Pio IX condemnou todo «**o que sustentasse dever o papado reconciliar-se com a civilisação moderna.**»

Não ha pois accordo possivel entre a igreja romana e os governos seculares.

Dos canones do concilio do Vaticano, já aqui reproduzidos, não pôde sahir senão a escravidão theocratica, n'elles patente.

A igreja não recua, a sua acção é continua, só temporisa: dispõe de muitos e poderosos meios—urge, que os governos liberaes encarem seriamente a nova phase d'esse poder cosmopolita, para o qual não ha raias, e que domina a consciencia do maior numero nas nações catholicas, e preteude dominar toda a ordem civil e politica.

Os padres, que á ultima hora se declararam pelo snr. Franco, são nacionalistas mal encobertos.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

## A ALLIANÇA INGLESA

Com a segunda metade do seculo findo iniciaram-se as grandes explorações scientificas do continente africano.

O industrialismo affirmava-se finalmente como o espirito novo das sociedades modernas e lançava as nações no disputado caminho dos grandes emprehendimentos scientificos e da actividade fabril commercial.

Era a idade nova do utilitarismo, norma do pensamento moderno, succedendo emfim ao periodo agitado das convulsões e das controversias da liberdade doutrinaria, que a grande revolução franceza iniciara.

A par com o espantoso desenvolvimento industrial rapidamente attingido por alguns povos, appareceu, sua immediata consequencia, a necessidade, imperiosa, de novos mercados que dessem consumo aos productos das grandes industrias.

A Inglaterra, como a nação em que esse desenvolvimento se manifestou em mais subido grau, foi a que mais depressa sentiu a necessidade de dar expansão aos productos da sua poderosa actividade industrial; d'ahi lhe resultou, consequentemente, o recrudescimento dos seus velhos sonhos imperialistas. A febre de conquistar mercados impelliu-a para a expansão colonial, e foi a Africa, o grande continente inexplorado nas suas mysteriosas regiões equatorias, que mais tentou as cubiças do seu genio punico.

Da Inglaterra sahem viajantes illustres que se lançam arrojadamente á empreza de desvendarem os segredos e maravilhas encerradas no interior de Africa. Livingstone, realizando a sua primeira viagem scientifica de reconhecimento ao interior de Africa austral, teve a fe-

licidade de ver os seus esforços coroados do mais ruidoso exito. Nessa travessia, que foi no sentido de oeste-leste, Livingstone atravessou e reconheceu os sertões da nossa provincia de Angola e o interior de toda a provincia de Moçambique, especialmente o delta do Zambeze, que desceu até á Foz. De novo partiu, e nesta segunda travessia o arrojado viajante recebeu de todas as auctoridades e estabelecimentos portuguezes que encontrou no seu caminho a mais franca e prestante hospitalidade, com especialidade do nosso grande africanista Silva Porto, que já a esse tempo se achava no Bihé.

Regressando a Inglaterra, Livingstone é convidado pelo governo a voltar á Africa e encarregado de explorar o Zambeze minuciosamente. Para o bom desempenho d'esta missão official o governo inglês recommendou ao governo portuguez, o qual, por seu turno, immediatamente transmitiu a todas as nossas auctoridades de Africa ordens precisas para que ao viajante se dispensassem todas as felicidades e atenções, o que ellas realmente fizeram, como é proprio do caracter portuguez e como o proprio Livingstone confessa com reconhecimento nos seus relatorios.

Comtudo, Livingstone, logo que chegou a Inglaterra, proclamou em altos brados que nas colonias portuguezas se fazia escravatura e accusou as proprias auctoridades de favorecerem esse ignobil trafico. Isto, além de pretender ainda amesquinhar-nos como colonisadores, descendo á petulancia indigna do seu nome de dar-se como o explorador do Chire e descobridor do Nyassa, apesar de taes reconhecimentos já estarem feitos pelo portuguez Candido da Costa.

Mas as palavras do glorioso explorador, que bem poderá ter deixado de macular o seu nome com tão extranha deslealdade e ingratidão para com aquelles de quem só recebera obsequios e valiosos auxilios, calaram no espirito dos povos civilizados, e chamaram sobre o nome de Portugal a indignação da Europa. Fomos qualificados de negreiros, a mais acerba calumnia, porque jámais nação alguma se esforçara com maior empenho na extincção da escravatura. Mas as affirmações do areolado viajante valeram mais do que os indignados protestos do nosso governo e do nosso parlamento, os quaes mal se ouviram por entre o ruido das aclamações que festejavam o explorador inglês.

As atenções em Inglaterra convergiam emfim decididamente sobre o continente africano. O entusiasmo despertado pelas felizes aventuras de Livingstone estimulou entre os ingleses o ardor pelas emprezas africanas. Outros viajantes se seguiram a Livingstone na exploração e reconhecimento do interior da Africa, entre elles Sepek e Baker que exploraram as regiões comprehendidas entre a costa oriental ao norte de Zanzibar e os lagos Tanganika, Victoria Nyanza, Alberto Nyanza e Baso Narok.

Por fim o governo inglês lançou-se abertamente na politica de expansão africana, o que o levou, como disse Pinheiro Chagas, a

tentar systematicamente espoliar-nos (1).

Vamos ver como. Digamos porém desde já que a Inglaterra, na ancia de adquirir colonias na Africa, se soccorreu de todos os expedientes e protextos. Vimos como Livingstone, calumniando-nos como nação colonisadora, outros viajantes, mas modernamente, o imitaram nesse igno processo. Cameron e Young, voltando das suas notaveis viagens ao interior dos sertões africanos, realizam em Inglaterra e noutros paizes diversas conferencias, nas quaes reeditaram as gratuitas affirmações do sou compatriota dizendo que Portugal era um paiz de negreiros.

Parece por estas insistentes accusações que a Inglaterra nunca fez escravatura. No emtanto sabe-se o que a seguir relatamos, extrahido de um livro recente e a muitos titulos notavel e de notas diplomaticas do barão da Ribeira de Sabrosa e do visconde de Sá da Bandeira.

Deixando de parte algumas notas curiosas sobre a escravatura branca, exercida em grande escala na Gran-Bretanha durante a idade-média, o que constituiu nessa epoca, segundo o depoimento insuspeito de Mac-Culloch, o principal artigo de exportação do paiz, temos, pelo que se refere á escravatura africana, que em 1711 o governo britannico obteve da Hespanha o monopolio, que se chamou *del assiento*, do fornecimento de escravos negros ás colonias hespanholas, monopolio que já havia sido concedido aos flamengos por Carlos V. O rei de Inglaterra tinha a quarta parte dos lucros desse monopolio (2).

Desde 1700 até 1786 foram levados para a Jamaica, segundo outro testemunho insuspeito, o de Brian Edwards na sua *Historia da India Occidental*, mais de 600:000 negros por navios ingleses.

Em 1788 os negociantes de Liverpool e Bristol representaram contra as medidas de Pitt apertadas ao paramente em favor dos negros, pois que calculava uma média annual de 30:000 escravos que os ingleses tiravam da Africa, dos quaes reservavam 2:000 para o trafico que entretinham com os paizes estrangeiros (3).

Em 1788 havia nas possessões inglesas da America 410:000 escravos. Desde 1730 até 1779 só do porto de Liverpool sahiram 2:000 navios negreiros para a Africa, d'onde levaram 344:000 escravos: e desde 1789 a 1819, isto é, já muito depois de haver principiado a cruzada abolicionista e o governo inglês ter decretado medidas prohibitivas d'esse commercio e estabelecido penas severas para os que se entregassem a elle, os navios ingleses transportaram para a ilha de Cuba 300:000 negros, dos quaes 50:000 morreram na viagem.

Ainda em 1826 os propr os cru-

(1) Os portuguezes na Africa, Asia, etc.

(2) Nota dirigida em 11 de setembro de 1839 pelo barão da Ribeira de Sabrosa, ministro dos negocios estrangeiros, ao embaixador inglês em Lisboa, lord Howad, sobre a questão da escravatura e em resposta ás reclamações da Inglaterra.

(3) José d'Arriaga—A Inglaterra, Portugal e suas colonias.

Nota de 22 de maio de 1838 dirigida pelo Visconde de Sá da Bandeira ao ministro inglês Howard sobre a questão da escravatura.

zadores ingleses tiveram que apressar a corveta *Orpheu*, pertencente á marinha britannica, por levar seu bordo quatrocentos negros carregados de forros (1).

Ainda em 1839 o ministro inglês no Rio escrevia a Palmerston dizendo-lhe que muito capital inglês se achava empregado no trafico dos negros e que as casas britannicas permittam aos negociantes dos escravos comprar a credito, mediante o praso necessario para a empreza, completada a qual elles pagavam a divida das fazendas.

Os juizes ingleses da commissão mixta da mesma cidade do Rio tambem por esse tempo se queixavam do grande numero de negociantes ingleses que se entregavam ao trafico da escravatura, e de algumas casas de commissões Liverpool, Leeds, Manchester e Bermingham venderem fazendas proprias para o trafico dos escravos por preços condicionaes (1).

Por seu turno, Towley Buscton, na sua obra sobre o trafico da escravatura, calcula que as fazendas exportadas da Inglaterra só no anno de 1836, eram sufficiente para a compra de 187:500 escravos, e affirma que em Glasgow se fabricavam fazendas exclusivamente para o trafico da escravatura, sahindo muitas d'essas fazendas pelos portos de Bermingham, Ceeds e Livrpool. E o mesmo escriptor calcula que a Inglaterra fazia annualmente um negocio de 200:000 a 250:000 escravos (2).

E era a Inglaterra que accusava os portuguezes como negreiros!

Mas temos mais.

Em 1869, isto é, quando precisamente a pouco nobre Inglaterra nos fulminava com o epitheto injurioso de traficantes de negros, e concitava contra nós a animadversão dos povos civilizados, o governador de Moçambique, Fernando da Costa Leal, teve de proceder com toda a energia contra a corveta de guerra inglesa *Daphne* que entrara naquelle porto e, a pretexto de embarcar criados, mettera a bordo pretos não libertos.

O commandante da *Daphne* só obedeceu ás intimações do governador portuguez, desembarcando os escravos, para evitar o grande escandalo que o caso produziria na Europa, se persistisse em querer resistir (3).

Em 1864 tambem Francisco Travassos Valdez, membro da commissão mixta de Angola e do Cabo, declarava em documento official que a base do commercio inglês que então ali se fazia por intermedio de agentes Mouros era a escravatura.

Por todos estes factos se vê com que auctoridade moral a Inglaterra nos apontava ao mundo civilizado como os escravizadores da raça negra.

Era evidentiissimo o proposito de nos desacreditar como colonisadores. Já em 1840 Sá da Bandeira, indignado com o celebre bill que lord Palmerston t'vera o arrojo de submeter á approvação

(1) A denominação inglesa em Portugal—anonimo.

(2) Nota do barão da Ribeira de Sabrosa ao ministro inglês Howard em 11 de setembro de 1839.

(3) José Arriaga, Inglaterra, Portugal etc.

(3) Pinheiro Chagas—Os Portuguezes, etc.

do parlamento britannico para que o governo inglês fosse auctorizado a mandar capturar todos os navios portuguezes *suspeitos*, dizia, referindo-se ás accusações contra Portugal, que o mesmo Palmerston proferiu em defeza do *bill*: «aquellas accusações apenas podem ser consideradas como *pretextos creados pelo nobre lord, para fins alheios aos da supressão do trafico da escravatura*; pois que não podem ser senão em detrimento de Portugal, visto que, para se conseguir o que é justo e honesto, não se carece buscar meios violentos e injustos (1)».

Era assim mesmo. A Inglaterra, quando tem em mira a realisação de qualquer projecto de largo alcance para os seus interesses politicos ou mercantis, não olha aos meios—tudo lhe serve, seja honesto ou deshonesto, seja leal ou desleal, seja indigno ou covarde. E' a historia, são os factos de todos os dias que no-lo dizem.

Mas, emfim, as calumnias e os insultos da Inglaterra tiveram para nós um merito de nos fazer olhar com mais attenção e mais interesses para as nossas riquissimas possessões da Africa,

(Do Instituto).

Affonso Ferreira.

(1) O Trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston.

## Partido Regenerador

No domingo passado reuniu, em assembleia geral, o partido regenerador d'este concelho, para o fim de eleger chefe e a commissão executiva.

Presidiu a essa reunião o snr. dr. Sobreira, servindo de, secretarios os snrs. dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, abbade d'esta freguezia e dr. Tavares.

Foram eleitos para chefe o snr. Conselheiro Campos Henriques, e para a commissão executiva os snrs. dr. Sobreira, dr. Lopes, dr. Descalço, dr. Tavares e Isaac Silveira.

Não assistimos a essa reunião com tudo soubemos que despertaram as attensões a presença dos snrs. drs. Chaves, Francisco d'Oliveira Lopes e Affonso José Martins.

O primeiro declarou que a sua presença não importava por forma alguma a sua filiação no partido. Comtudo tinha por elle tal sympathia, devida, sobretudo, á tradição da sua familia, e á amizade pessoal e consideração pelo sr. conselheiro Campos Henriques que, se tivesse de auxiliar algum partido monarchico em qualquer lucta, esse auxilio sómente o dava ao partido regenerador.

Os outros dois presentes e notados, nada disseram, mas ouviram.

Fazem parte da commissão municipal e são assim pseudo-vereadores, como tambem alguém os considerou pseudo-regeneradores, e com razão.

Desde que o chefe d'um partido dá uma ordem, como a deu o snr. Conselheiro Julio de Vilhena, prohibindo aos seus correligionarios, que fizessem parte das commissões administrativas, evidentemente, que aquelle que transgredir essa ordem, fica, *ipso facto*, excluído do partido.

Quem não se conforma com as ordens superiores dos dirigentes de qualquer aggremação, o unico caminho, que tem a tomar, é sahir de aggremação.

E, demais na presente conjunctura o procedimento d'aquelles, dois pseudo-regeneradores só pode prejudicar o partido.

E sabido que elles justificaram o seu acto, dizendo que haviam accettato os cargos unicamente para servir o partido regenerador visto a maioria da commissão ser da politica do seu partido.

Aqui está o engano, porque a commissão foi escolhida á imagem e semelhança do *dissidente multicolor*, e sendo este o seu mentar, necessariamente, ha-de haver descalabro, e grande, nas finanças municipaes.

E como a maioria da commis

são se declara regeneradora, é manifesto, que o partido regenerador têm de aguentar com as responsabilidades d'uma administração pernicioso, como é de prever.

Senão, haja vista o inicio do programma desbaratador dos contos de reis, que mal e indevidamente lhe deixaram ficar no cofre municipal, para serem desperdiçados, por quem não tem o menor amor á nossa terra, sua madrastra, pois são estranhos, são enteados.

Tracta-se d'um mercado para valorisar a propriedade d'um dos taes *enteados*, e augmentar lhe o negocio; tracta-se d'uma estrada

inutil para o povo, mas conveniente para o tal *estranho*.

Nada temos com o procedimento dos politicos; mas, por que concordamos, em absoluto, com as phrases embora amargas, mas verdadeiras, que alguns regeneradores proferiram relativamente, aos seus pseudo-correligionarios, não podemos deixar de não as apoiar calorosamente.

Mesmo, porque a nossa alma chora, como a d'elles, ao vêr que os filhos de Ovar estão a ser dirigidos e administrados pelos estranhos.

A nossa unica consolação, é que, não fomos nós que lá os collocamos, mas sim a força bruta.

## NO LUMIAR

Era um dia de abril; a primavera  
Mostrava apenas seu virginio seio  
Entre a folhagem tenra; não vencêra,  
De todo, o sol o mysterioso inleio  
Da nevoa rara e fina que extendêra  
A manhan, sobre as flores; o gorgoeio  
Das aves inda tímido e infantil...  
Era um dia de abril.

E nós iam os lentos passeando  
De vergel em vergel, no descuidado  
Socêgo d'alma que se está lembrando  
Das luctas do passado,

Das vagas incertezas do porvir.  
E eu não cançava de admirar, de ouvir,  
Porque era grande, um grande homem devêras  
Aquelle duque—alli maior ainda,  
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras  
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,  
A qual mais bella e de mais louge vinda  
Esmaltar de mil côres  
Bosque, jardim, e as relvas tão mimosas,  
Tão suaves ao pé—muito ha cançado  
De pisar alcatifas ambiciosas,  
De tropeçar no perigoso estrada  
De vaidades da terra.

E o velho duque, o velho homem d'Estado,  
Ao fallar d'essa guerra  
Distante—e das paixões da humanidade,  
Surria malicioso  
D'aquelle sorrir fino sem maldade,  
Que tam seu era, que, entre desdenhoso  
E benevolo, a quanto lhe sahia  
Dos labios dava um cunho de nobreza,  
De razão superior.  
E então como elle a amava e lhe queria  
A esta pobre terra portugueza!  
Velha tinha a razão, velha a experiencia,  
Joven, só esse amor.

Tão joven, que inda cria, inda esperava,  
Inda tinha a fé viva da innocencia!...  
Eu, na força da vida,  
Tristemente de mim me invergonhava.  
—Passeavamos assim, e em reflectida  
Meditação tranquilla descuidados  
Iamos sós, ja sem fallar, descendo  
Por entre os velhos olmos tam copados,  
Quando sentimos para nós crescendo  
Rumor de vezes finas que zumbia  
Como enxame de abelhas entre as flores,  
E vimos, qual Diana entre os menores  
Astros do ceu, a forma que se erguia,  
Sôbre todas gentil, d'essa extrangeira  
Que se esperava alli. Perfeita, inteira  
No velho amavel renasceu a vida  
E a graça facil. Cuidei ver o antigo  
O nobre Portugal que resurgia  
No venerado amigo;  
E na formosa dama que sorria.  
O genio da subida,  
Rara e fina elegancia que a nobreza.  
O gosto, o amor de Bello, o instincto da Arte  
Reune e faz irmãos em toda a parte;  
Que affere a grandeza  
Pela medida só dos pensamentos,  
Do stylo de viver, dos sentimentoss,  
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que ao saudar o velho illustre  
Em seus ultimos dias  
E a despedir-se, até Deus sabe quando,  
De nossas praias tristes e sombrias,  
Vinha esse genio... Tristes e sombrias,  
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,  
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça  
Sou eu talvez—que, á mingua de fe, sinto  
O cerebro gelar me na cabeça  
Porque no coração o fogo é extinto.  
Elle não era assim,  
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

—Como o nobre corcel que invellieceu  
Nas guerras, ao sentir o aureo telim  
E as armas sobre o dorso descarnado,  
Remoça o garbo, em juvenil meneio  
Franja de espuma o freio,  
E honra os brazões da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!  
Nem os olhos, as fallas, e a sincera  
Admiração da bella dama ingleza  
Por tudo quanto via;  
O fructe, a flor, o aroma, o sol que os gera,  
E esta vivaz, vehemente natureza,  
Toda de fogo e luz,  
Que ama incessante, que de amar não cança,  
E continua produz  
Nos fructos o prazer na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,  
Alli as varias linguas se fallaram;  
A Europa convidada  
Veio ao festim—não ao festim, ao preto.  
Vassallagem rendida foi prestada  
Ao talento, á belleza,  
A quanto n'alma infunde amor, respeito,  
Ao que é deveras grande:—que a grandeza  
Os homens não a dão;  
Põe-da por sua mão  
N'aquelles que são seus,  
Nos que escolheu—só Deus.

Oh! minha pobre terra que saudades  
D'aquelle dia! Como se me aperta  
O coração no peito co'as vaidades,  
Co'as miserias que ahi vejo andar áleria,  
A solta apregoando-se! Na intriga,  
Na traição, na calunnia é forte a liga,  
É fraca em tudo o mais...

Tu socegado  
Descança no sepulchro; e cerra, cerra  
Bem os olhos, amigo venerado,  
Não vejas o que vai por nossa terra.  
Eu fecho os meus, para trazer mais viva  
Na memoria a tua imagem  
E a d'essa bella Ingleza que se esquiva  
De nós entre a folhagem  
Dos bosques de Parthenope. Cançado,  
Fito n'esta miragem  
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado,  
Vai o tardio pé  
Por este que inda é,  
Que cedo não será, bem cedo—em mall!  
O velho Portugal.

Garrett.

## NOTICIARIO

### TEMPO

Depois de dois dias de sol esplendido, soffremos, novamente, o desgosto de nos vermos debaixo da maldita praga da chuva.

Mais uma vez fomos illudidos, pois que julgavamos já terminado o mau tempo, mas, segundo o que nos parece, temos chuva *para perras*, como se costuma dizer.

A vespera e dia de *Reis* passaram com um tempo esplendido, pois foram estes os dois unicos dias que tivemos de sol—e vá... que já foi andar com sortel...

Porém, o dia 7 já se apresentou *carrancudo, morrinhento*, o que não admira, porque, depois de dois dias de *borga* e de... mais alguma cousa, a gente tem, fatalmente, que se apresentar *trombudo*—e foi o que se deu com o tempo.

Bom era que houvesse uma reforma geral em todos os *tempos*, porque estes estão muito maus.

Confessamos que já temos *muitas saudades* do bom tempo; mas *coragem* que elle voltará...

### PESCA

Houve, durante a semana finda, trabalho de pesca, na costa do Furadouro, sendo o producto de pouca importancia, e a pesca muida.

No dia 17 é «lua cheia». Se a chuva continuar, podemos já garantir que é cheia de... chuva.

Porém, se viér o bom tempo, podemos tambem garantir que ha-de ser cheia... advinhem de quê se quizerem ..

### UMA AVENTURA ROMANESCA

Relatam jornaes de Bordeus: Ha mezes, Mlle. Branca X..., de 16 annos, encontrou em Auch, aonde vae passar alguns dias por anno, em casa d'uma sua parenta, uma mulher coberta com um veu

e de apparencia mysteriosa, a qual lhe entregou secretamente uma carta, recommendando-lhe expressamente que não a lêsse senão quando voltasse a casa.

A rapariga, mal chegou a Bordeus, leu a carta cujo contheudo a encheu d'espanto.

«Seu pae,—diziam-lhe,—não é o homem a quem até hoje tem dado um nome: é Z..., director d'um estabelecimento social bem conhecido em Bordeus».

Mlle X guardou cuidadosamente a carta n'um contador e não disse a ninguem uma palavra sobre o seu contheudo. Um d'estes ultimos dias, ao sahir de casa, encontrou-se novamente face a face com a dama velada, e, após uma troca de palavras insignificantes, esta declarou-lhe que o seu verdadeiro pae tinha o mais vivo desejo de abraçal-a, fixou-lhe uma entrevista para o dia seguinte, n'um bairro pouco frequentado da cidade. A jovem acquiesceu, e encontrou-se, no lugar designado, com o desconhecido que, depois de a ter primeiro persuadido de que ella não correria perigo algum, a agarrou violentamente pelos pulsos, tentando levá-la consigo á força. A rapariga debatia-se e gritava por soccorro, conseguindo por fim fugir.

Num pulo encontrou-se na estação do caminho de ferro e regressou a casa dos paes, que impacientemente a esperavam desde a hora do almoço.

Porém, a mãe notou que ella tinha nos pulsos arranhaduras e signaes de violencias e interrogou-a ácerca do occorrido, conseguindo só com muita difficuldade arrancar-lhe a narrativa da sua aventura.

### RALHO DE COMPADRES

N'um dos dias da semana finda, houve rija peleja de lingua, entre dois francos franquistas, pelo motivo d'um d'elles ter assistido á reunião do partido regenerador.

Disseram-se, reciprocamente, coisas bonitas; mas, ficaram amiguinhos, como d'antão, mesmo porque o mais exaltado tem que continuar sob a pressão do outro. Se não fosse isso, de certo cahiria o Carmo, mais a Trindade.

**FESTIVIDADE**

No proximo domingo, 19 do corrente, realizar-se-ha, na sua Capella do Largo Almeida Garret, a festividade em honra do martyr S. Sebastião, havendo de manhã, missa solemne a grande instrumental pela phylarmonica «Ovarense», sermão ao Evangelho pelo Rev.<sup>m</sup> P.<sup>o</sup> Borges, d'esta villa, e, de tarde, arraial.

**CONTRIBUIÇÕES**

Acha-se aberto o cofre da re- cebedoria d'este concelho, até ao dia 31 do corrente, para o paga- mento voluntario das contribuições do estado.

**C. C.**

O «Diario do Governo» de quinta-feira veio sujo.

Mascarou o *honesto*, o *virtuo- so*, o *irreprehensivel*, o *grato* ab- bade *Caitano* com a tal carta de conselho.

Até aqui era só uma vez C., agora é duas, e trez vezes C.

Era bem melhor que o *Caitano* em vez de gastar 700\$000 reis, pa- ra satisfazer vaidades dispuzesse essa quantia em fazer limpeza á alma, distribuindo esse dinheiro pelos pobres da sua freguezia que são muitos e necessitados

E, se estes não lh'o merecem, lá está em Paços de Brandão, quem talvez lh'o mereça.

E' ou não verdade?

**NECROLOGIA**

Falleceu a snr.<sup>a</sup> Maria da Con- ceição, avó do nosso particular amigo o snr. José da Costa Ray- mundo, sub-chefe fiscal dos im- postos, d'este concelho.

A' familia enluctada endereça- mos o nosso cartão de sinceras e sentidas condolencias.

**O cupido politico**

O sr. João Franco no memo- ravel assalto no dia 2 de Janeiro, que elle, por meio da força arma- da, mandou dar ás camaras mu- nicipaes, recommendou ao seu de- legado, que *ferisse* o districto, no coração—*Ageda e Ovar*.

**FOLHETIM**

**O PECCININO**

OU

**O Bandido Nobre**

Por

GEORGE SAND

Gosto d'isso! diz Magnani, um joven operario de tapessaria, cheio de vida e franqueza, habi- tante do mesmo bairro e visinho da familia Lavoratori: Sé bom ca- marada como o tem sido teu pai, que todos nós estimamos, e tribu- tar-te-hemos igual estima.

Dizem-nos que te envaideces por haver em Roma estudado as pintura, quando é certo que pas- seias pelas ruas da cidade tão modestamente vestido que não condiz com o estado de artista. Tens boas feições, és agradável, mas accusam-te de ambicioso.

—E' porventura essa uma qua- lidade censuravel? responde Mi- guel ao passo que trabalhava com Magnani. A quem é tal prohibi- do?

—Agrada-me a sinceridade da tua resposta; todavia, quem quer ser admirado deve primeiro fa- zer-se amar.

—Sou então odeado n'este paiz onde mal cheguei e onde não co- nheço ainda ninguém?

—E's indigena d'este paiz; foi aqui que nasceste; é aqui onde os teus predecessores são conhecidos

Pela nossa parte agradecemos a honra, e, com franqueza, decla- ramos que não sentimos a *picada*.

O sr. João Franco imagina que, pela altura em que está, ninguém lhe pode chegar.

Puro engano!

Se a escriptura sagrada não mente, o Lucifer era o anjo mais querido da côrte celestial, e um bello dia levou um pontapé tão violento, que nem sequer fez pa- ragem n'este mundo, indo parar ás profundas do inferno.

D'ahi nunca mais sahio a não ser dentro do corpo d'algum alma do diabo, que quer *ferir corações* —políticos—entenda-se.

**NOITES DOS REIS**

Em ambas as noutes dos Reis, diversos grupos da mocidade, como de costume, visitaram as principaes casas d'esta, em cum- primento de «*boas-festas*», sendo acompanhados de muitos popula- res, que se delectavam com as canções chistosas e com os gor- geios de garganta juvenis.

Entre as *troupes* d'alegre mo- cidade descobriu-se, porém, uma de quarentões, que chama a at- tenção dos curiosos, e que, muito pacatamente atravessada por essa *pele-mele* de gente, e entrava em casas, certas e determinadas, por porta aberta, que já os esperava.

Ahi, com o silencio dos cons- piradores, uma voz de artista re- citava uns versos, a que o côro respondia com o já celebre *Tha- lassa*.

Os donos das casas retribuiam á gentileza dos visitantes, com outra gentileza, e logo, sempre com a cautella dos conspiradores, sahia a *troupe* procurando outro rumo.

Apezar do segredo, consegui- mos apanhar os versos recitados, que são uma *charge* politica.

Eis os versos:

Foram-se os reis do prazer,  
Foram-se os reis da chalaça!  
Agora só pode haver,  
Thalassa! Thalassa!

São fructos da dictadura,  
Consequencias da trapassa!  
Ai que sorte negra e dura:  
Thalassa! Thalassa!

Não se canta que o cantar  
N'esta hora é uma desgraça!  
Vamos todos a chorar:  
Thalassa! Thalassa!

e onde teu pai é respeitado; e é exatamente por seres recém-vindo que todos os olhares se fixam sobre ti. Acham-te um moço sym- patico, de fino porte, elegante.

No que sei avaliar reconhece- te talento: as figuras que na abo- bada desenhaste e coloriste não são garatujas vulgares, é essa uma gloria de teu pai; mas não tens por ora motivo para ufantias.

Nasceste muitos annos depois de mim; és um rapaz imberbe; não deste até agora provas de cora- gem, de virtude... Quando, em silencio, tiveres soffrido os con- tras da tua classe poderás andar de cabeça apumada, com o bonet carregado sobre a orelha, saraco- teando-te pelas ruas. D'outro modo, diremos que queres fingir-te grande; e que se não és artista, verdadeiramente artista, deves andar de carro e não associar com os da tua classe; porque afinal é o seu pai um operario como nós, habi- l no seu genero, e pode ser mais difficil pintar flores, fructos ou aves nas cornijas do que depen- durar pannos pelas janellas e fa- zer realçar as cores dos estofos que vestem as mobílias. Comtudo, a distancia não é tanta que nos labores não possamos chamar-nos primos germanos. Eu não me julgo superior ao merceneiro, ao pe- dreiro, e porque has-de tu julgar-te mais do que eu?

—Nunca tive esse pensamento; Deus me preserve d'elle.

—Então, por que hontem não vieste ao baile do operariado? Sei que teu primo Vicente te quiz le- var e que recusaste.

Veio um novo *Salvador*  
De quem o Pinto Lambaça  
Foi o santo Precursor...  
Thalassa! Thalassa!

O filho—o sol d'alegrias—  
Da virgem cheia de graça,  
Já não se chama Mexias...  
Thalassa Thalassa!

Temos outro mais pimpão,  
Que a perna em tudo lhe passa:  
É o mexias do Fundão  
Thalassa! Thalassa!

Não temos hoje quem cante  
Em vista d'esta pirraça  
Da virtude triumphante—  
Thalassa! Thalassa!

Haja pois, muito cordura  
Já que temos a mordaca,  
Da maldita dictadura!  
Thalassa! Thalassa!

Ai como é triste pedir  
N'estes termos a *murraça!*  
Mas venha se tem de vir...  
Thalassa! Thalassa!

**AGRADECIMENTO**

Pelo visto e com franqueza  
Aqui não ha dictadura,  
Pois foi tal a gentileza  
Que nos poz á dependura.

A gratidão, é impossivel  
Que em nós alguém a desfaça,  
Nem mesmo esse triste e horrivel  
Thalassa! Thalassa.

**A COMIXÃO**

Reuniu, na quarta-feira, a tal comixão de furta-côres.  
Por causa das duvidas, veio policia civil d'Aveiro fazer a guar- da de honra.

A dirigir os serviços o *dissi- dente multicultor* como não podia deixar de ser, pois os da comixão são da mesma politica—*multiculor- es*.

É elle o fiador da honra e ho- nestidade dos seus guerridos cor- religionarios feito á sua imagem e semelhança, e assim apregoa uma administração livre de toda a suspeita.

Chama-se a isto ter alguma grande, porquanto elles não dis- seram o mesmo da administração municipal do dirigente, antes pelo contrario.

Infelizmente, não ha quem ga- ranta a idoneidade do fiador, e se as normas d'elle forem seguidas, desde já se deve gritar *aqui d'el- rei*.

—Amigo, não me avalie mal por esse acto; o meu caracter é naturalmente triste e solitario.

—Não classifico de verdadeiras as tuas desculpas. A tua aparen- cia é reveladora d'outro sentir. Perdôa o excesso de franqueza; por me lastimares é que assim te reprehendo. E sem darmos por isso está o nosso tapete pregado até aqui. Vamos para outro ponto.

—Repartam-se aos dois e aos tres por cada lustre, gritava o mestre lampianista aos seus em- pregados.

Se assim não fizerem não sahi- ram d'ahi.

—Ah! venham para aqui, que eu estou só, grita por sua vez Visconti, um nutrido e alegre ac- cendedor, que tendo já um pouco de vinho a esquentar-lhe o cerebro, punha a mecha accessa tão perto da mão que de vez em quanto ia soffrendo a sua queimadura.

Miguel ferido com a lição de Magnani, ergueu um escabello e preparou-se para ajudar Visconti.

—Oh! esta bem! o mestre Mi- guel é bom camarada, lhe diz Vi- conti, ha-de ser recompensado.

A princeza paga bem e quer ainda, que todos se divirtam em sua casa nos dias da festa.

Haverá cêa para nós, dos crescimos dos convivas e abun- dancia de vinho. A' conta já fui bebendo algum ao passar pela dispensa.

—Tambem não faltam dedos escaldados, lhe diz Miguel sorrin- do.

—Tambem, decorridas duas ou tres horas, não tereis a mão tão

O dinheiro seduz, e o cofre tem o melhor de sete contos de reis.

Mal haja quem o deixou lá fi- car e o não o gastou em obras uteis.

**Curso nocturno**

Abriu o curso nocturno para adultos, na escola Conde de Fer- reira, cuja freguezia já sobe a trinta e um alumnos.

As aulas são gratuitas, e prin- cipiam das 5 1/2 horas da tarde para as seis.

Ahi fica o aviso para quem se interessar.

**FESTAS DAS FOGACEIRAS**

No dia 20, realisa-se no visi- nho concelho da Feira, a tradicion- al excentrica festa das fogacei- ras.

*Fogaceiras* deriva de *fogaçar*, e data de 1181 a origem d'este termo.

Uma praga de gafanhotos ata- cou a villa de Pombal, e Maria Fogaça que era pessoa de teres, prometteu á Santissima Virgem, uma festa solemne, se semelhante praga desapparecesse e, fosse ou não fosse pela promessa, o caso é que os gafanhotos desapparece- ram.

No anno seguinte fez-se nova festa Maria Fogaça mandou cozer dois enormes bolos para offercer ao parcho a estas offertas ficou- se-lhe chamando *fogaças*.

Até ao reinado de D. Sebast- ão, gozava-o a festa de muitas prerogativas regias.

**Annuncio**

Diz Manoel Joaquim da Silva, da Peneda, d'Avanca, que que é senhor e possuidor d'uma arma- ção funebre, composta de eça de talha dourada e seus accessorios, propria para funeraes, cuja arma- ção foi de Manoel da Silva Henriques, de Vallega, que aluga para Avanca por 10\$000 reis e para Vallega por 8\$000 reis.

Esta armação pode ser procu- rada, em Vallega, em casa de An- tonio Joaquim da Silva, das Fon- tainhas.

firmo, replica Visconti, porque ha- veis de tomar connosco a refeição da noite; não é verdade mancebo? Vosso pai, cantar-nos-ha as suas velhas canções, que têm sempre o dom de nos fazerem rir.

Seremos mais de cem á meza. Oh! como nos divertiremos!

—Retirai-vos! retirai-vos! or- dena em alta voz um moço de li- bré; vem ahi a princeza para ver se os trabalhos estão conclui- dos. Vá! desembaraçai-vos! fazei alas! Não sacudeis tão de rijo os tapetes, que se levanta muita poeira! Olá! os de lá de cima, os lampianistas, não deixeis cair ceral! Arrumai os vossos utensí- lios, desempedi a passagem!

—Bem! bem! já ides calar-vos, tenho a certeza, senhores opera- rios! lhes diz Barbagallo.

Vamos, movam-se; que, se es- tais atrasados, eu pelos modos vejo que é já outra a vossa acti- vidade. Não respondo pelas reprim- endas que ireis receber. Sinto-as, no entanto, a culpa é só vossa; eu não posso justificar-vos. Ah! mestre Pedro-Angelo, d'esta vez vireis apenas mendigar comprimentos.

Estas palavras chegaram aos ouvidos do joven Miguel, e toda a sua altivez lhe invadiu o cora- ção.

A lembrança de seu pai men- digar comprimentos, e de receber afrontas magoava-o atrosmente. Se não conhecia a princeza, tam- bem podia gabar-se de não o ha- ver tentado, de nenhuma diligen-

**A Estação**

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras represen- tando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atoa- lhados, objectos de mobi- lia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco

e a matiz a ponto de marca, deornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cam- braia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricot, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minu- ciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200m desenhos pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosa- mente a aguarella por artistas de merito em for- mato igual ao do jornal

Para prova da supe- rioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes con- têm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de mo- das, enviar-se-ha gratui- tamente um numero op- cimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto. Principia no dia 1.<sup>o</sup> de qualquer mez

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno . . . . . 4\$000  
Seis mezes . . . . . 2\$100  
Numero avulso . . . . . 200



cia haver feito para o conseguir. Não era dos que avidamente cor- rem atrás dos monetari s ou po- derosos para apascentarem os seus olhares com banal e servil admiração.

Agora, porem, inclinara-se no seu escabello, procurando com a vista este arrogante ser que, se- gundo Barbagallo, devia humilhar, sem consideração alguma, intelli- gentes e generosos obreiros. Fica- va, d'este modo, materialmente, por cima do nivel da multidão, para melhor ver, mas prompto descer e ir juntar-se a seu pai, para tomar a sua defeza, se n'um accesso de bom humor, o indiffe- rente velho se deixasse ultrajar.

A ampla sala que tanto se apressavam em acabar, não era senão o espaçossissimo terraço do jardim, coberto exteriormente de tanta folhagem, grinaldas, galhar- detes, que dir-se-ia um caraman- chel gigantesco no gosto Wat- teau.

Dentro, assentaram-se soalhos volantes sobre o terreno areado— tres grandes fontes de marmore com enfeites de personagens my- tologicas, longe de obstar ao livre transito, n'este improvisado inter- ior, eram o seu principal orna- mento. Entre estes elegantes mon- tes havia assaz espaço para circu- lar e dansar á vontade.

(Continúa.)

Clara de Miranda

# ADEGA DO LUZIO

Vae o anno terminando,  
E não sei porque razões,  
Não nos vaes tu convidando,  
P'ra provar dos teus RIJÕES!..

D'esse puro vinho novo,  
Quer maduro, ou quer VERDASCO,  
Que tu das a todo o povo,  
Qu'ê freguez lá de teu TASCO,  
Virei cheio como um ovo!..

Mas ficamos escamados,  
Se por obra do demonio,  
ELLES sahem tão salgados,  
(Oh meu caro amiho Antonio!..)  
Como os outros... atrazados.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na  
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-  
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade  
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-  
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,  
onde encontrarão além de todos os generos de  
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-  
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-  
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras  
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosporos para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

# MONTEIRO & GONÇALVES

# PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



## O GABÃO ELEGANTE

DE  
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho  
mais conveniente e elegante contra o  
**Frio, Vento e Chuva**  
e o mais commodo para viagem. E se quereis  
o verdadeiro só o encontrareis na  
**ALFAIATERIA DA MODA**

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Afaiate naturá da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os  
Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-  
quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta  
todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos  
os mercadores que trazem annunciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annun-  
ciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu es-  
tabelecimento.

Eu responsabiliso-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-  
mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem  
innemnsiação alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganoso.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-  
tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-  
cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos  
GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na  
praça da hortaliça, d'esta villa,  
calçado em todas as côres, para  
homem, senhora e creança; encar-  
regando-se tambem de executar  
com esmerada perfeição e modici-  
dade de preços, toda a encomen-  
da de qualquer obra concernente  
d sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer  
dia da semana, fazer-se encom-  
endas, o proprietario virá tam-  
bem a esta villa, a caza dos fre-  
guezes, que para isso o avizem  
pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS  
F. DELPORT, SUCCESSEURS EN  
MARCA REGISTRADA  
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

## Fabrica de corôas

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro  
em todas as exposições a que tem concorrido

### COROAS FUNEBRES

**R**AMOS para altar.  
Grande sortido  
de plantas para  
adorno. Flôr de laran-  
jeira, e todos os apres-  
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho  
*Largo do P. D. Carlos.*

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
*Praça de Camões.*

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª